



(DES)TECENDO OS FIOS DE UMA PESQUISA ENTRE TEATRO, FILOSOFIA E POESIA

***(UN)WEAVING THE THREADS OF A RESEARCH
BETWEEN THEATER, PHILOSOPHY AND POETRY***

***(DES)TEJIENDO LOS HILOS DE UNA INVESTIGACIÓN
ENTRE TEATRO, FILOSOFÍA Y POESÍA***

Charles Valadares

Charles Valadares

Mestrando da Escola de Belas Artes (EBA) da
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).
Linha de pesquisa: Artes da Cena. Orientação:
Marina Marcondes Machado. Bolsista da
Capes/Proex. Professor, ator e pesquisador.

E-mail: charles.ufmg.valadares@gmail.com

Resumo

Este artigo compartilha os caminhos da pesquisa que estou desenvolvendo como mestrando em Artes da Cena, na Escola de Belas-Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, revelando os bastidores do processo. Meu projeto é elaborar uma desmontagem cênica textual a partir de um trabalho cênico autoral já existente, que conversa com a poética de Manoel de Barros. A redação da dissertação terá como eixo a análise fenomenológica da dramaturgia já concebida, das produções escritas geradas ao longo do mestrado, e do diário de pesquisa confeccionado durante o processo de orientação em conversa com leituras sobre poesia, filosofia e teatro. A dissertação poderá suscitar reflexões acerca de uma prática criativa que mescle literatura e discursividade cênica, além de contribuir para a criação de trabalhos cênicos contemporâneos que tematizem a infância.

Palavras-chave: Diário de pesquisa, Fenomenologia, Manoel de Barros, Processo criativo.

Abstract

This article shares the research paths I have been developing as a master of Arts of the Scene at Escola de Belas-Artes, in Federal University of Minas Gerais, revealing the backstage of the process. My project is to elaborate a textual scenic disassembly based on an authoring creation that already exists and that connects with the poetics of Manoel de Barros. The writing of the dissertation will be based on the phenomenological analysis of the dramaturgy already conceived, on the written productions generated during the master's degree, as on the Research Diary, made during the orientation process in conversation with readings on poetry, philosophy and theater. The dissertation may lead to reflections on a creative practice that mixes literature and scenic discursiveness, as well as contributing to the creation of contemporary scenic works that thematize childhood.

Keywords: Research diary, Phenomenology, Manoel de Barros, Creative process.

Resumen

Este artículo expone los caminos de una investigación que desarrollo en cuanto alumno del máster en artes de la escena, Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, revelando los bastidores del proceso. Mi proyecto es elaborar un desmontaje escénico textual a partir de una creación autoral ya existente, que dialoga con la poética de Manoel de Barros. La escritura de la disertación tiene como eje el análisis fenomenológico de la dramaturgia ya concebida, de las producciones escritas generadas a lo largo del máster y del diario de investigación escrito mientras se desarrollaba el proceso de tutoría en medio a lecturas sobre poesía, filosofía y teatro. La disertación podrá suscitar reflexiones acerca de una práctica creativa que mezcle literatura y discursividad escénica, además de contribuir para la creación de trabajos escénicos contemporáneos que tematicen la infancia.

Palabras-clave: Diario de investigación, Fenomenología, Manoel de Barros, Proceso creativo.

Introdução: preparando o salto

A verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo, e nesse sentido uma história narrada pode significar o mundo com tanta “profundidade” quanto um tratado de filosofia.

Merleau-Ponty

Busco, com este artigo, compartilhar a experiência que tenho vivido como mestrando do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (EBA/UFMG), na linha de pesquisa Artes da Cena, desde a minha entrada no primeiro semestre de 2017, sob orientação da professora Marina Marcondes Machado.

Ao longo do ano de 2017, a pesquisa ganhou a seguinte moldura: estudar os atravessamentos da poética de Manoel de Barros (1916-2014), em um trabalho cênico de minha autoria, entrelaçando pensamentos sobre infância e teatro semeados na criação, em diálogo com a noção de desmontagem, tal como pensada pela pesquisadora mexicana Ileana Diéguez (2014), a partir

da elaboração de uma desmontagem textual que se tornará a dissertação. Meu trabalho será realizado em conversa com os estudos filosóficos de Paulo Freire, Gaston Bachelard e Maurice Merleau-Ponty.

Grosso modo, para Diéguez (2014, p. 6), as desmontagens são procedimentos que revelam os andaimes da obra, os bastidores, portanto “as escolhas éticas, estéticas, políticas e existenciais dos artistas que se propõem a este mergulho investigativo” de sua poética. Em sintonia com esse pensamento, narrarei o processo vivido, compartilhando os caminhos, escolhas, desejos, dúvidas e dificuldades do percurso que revelam meus modos de pensar e fazer pesquisa.

Primeiros andaimes da criação

Com pedaços de mim eu monto um ser atônito.

Manoel de Barros

Tomo emprestada a imagem dos “andaimes de uma construção” descrita por Joaquim Barbosa e Remi Hess (2010) no livro *O diário de pesquisa: o estudante universitário e seu processo de pesquisa*, no qual defendem o valor do percurso e potência dos registros do processo no diário de pesquisa. Normalmente atentamos à obra pronta para ser usufruída. Os andaimes que constituem o percurso da construção de uma casa ou edifício são esquecidos e até ocultados: “É feio deixar à mostra as armações, os monturos, os cacos de pedras, blocos de cimento e pedaços de madeira que foram se amontoando durante o percurso até que a “casa” fique pronta” (Ibid., p. 36).

Em orientação, Marina Marcondes Machado cultivou em mim outro modo de olhar para meus andaimes, arestas e entulhos: a partir de diálogo afinado e sincero, escuta generosa, e no incentivo pela busca do prazer, autonomia e autoralidade naquilo que desejo pesquisar. Este outro modo me atentou ao processo vivido, à importância de seguir, inicialmente sem muitas certezas a respeito da pesquisa, na busca por investigar algo “que ainda não sei”.

Fui convidado, em orientação, a enveredar por uma via permeada pela autobiografia, tendo como ponto de partida para a pesquisa o trabalho cênico

solo e autoral *João-de-Barros*. O desdobramento do projeto foi cultivado a partir da minha participação no Agacho do Laboratório de Pedagogias Teatrais, grupo de pesquisa com encontro semanal onde acontecem orientações coletivas do processo de estudo e escrita de monografias, mestrandos e doutorandos da minha orientadora.

Outro convite feito a mim foi adotar o diário de bordo (MACHADO, 2002) como princípio metodológico para registrar o processo vivido. Ao longo dos estudos, li o livro de Barbosa e Hess (2010) e passei a nomear meu material escrito como diário de pesquisa. As noções conversam entre si. O diário de pesquisa também é uma ferramenta etnográfica e fenomenológica para registrar o processo vivido, agrega sentimento e pensamento, conversas com teorias, tem aspectos de diário íntimo, porém dialoga com o processo de estudo e pesquisa.

O diário de pesquisa tem se revelado meu canteiro de obras, espaço que abriga os andaimes da minha criação, onde tateio e experimento o modo de escrita fenomenológica, que requer capacidade de descrição, não excluindo as teorias, mas colocando-as entre parênteses, para, posteriormente, analisar os escritos tecendo reflexões em diálogo com autores e suas formulações. Pôr entre parênteses as teorias é uma atitude tomada “para ver o mundo e apreendê-lo, como um paradoxo” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 10), trata-se de uma ação provisória, que nos aproxima da experiência pré-reflexiva que, posteriormente, será analisada criticamente.

A fenomenologia não se configura como uma teoria, e sim como um método filosófico para “pensar o mundo, o outro e a si mesmo” (Ibid., p. 19), é uma maneira de perceber a vida, é “um relato no espaço, do tempo, do mundo “vivos”. É a tentativa de descrição direta da nossa experiência tal como ela é” (Ibid., p. 1).

Alinhados a esse pensamento, nos tornamos mais porosos, generosos, sensíveis para perceber os fenômenos da existência, compreendendo as teorias como lentes para ler a vida, caminho de “meditação infinita” (Ibid., p. 20) que possibilitará uma escrita afetiva e reflexiva, mesclando razão e emoção.

Foi através das lentes de Machado (2010a, 2010b) que conheci o pensamento filosófico de Maurice Merleau-Ponty acerca da fenomenologia como caminho para pensar minha relação com a infância e outras formas

de elaborar pesquisa em artes, pautadas pela tríade eu-outro-mundo. As primeiras leituras se deram a partir de estudos enquanto bolsista¹ em dois projetos da universidade, que participei durante a graduação (2009-2014): “Teatro-infância: experimentos teatrais na Educação Infantil” (2011) e “Teatralidades na infância e as possibilidades da brincadeira” (2012)². As práticas dos projetos se pautavam na investigação de propostas pedagógicas e estéticas que dialogassem com os modos de vida infantil, que pensassem nas relações entre infância, teatro e cena contemporânea. As duas obras aguçavam em nós, bolsistas, outro olhar para a criança, atentos aos seus modos de ser e estar no mundo. Incentivava-nos, por exemplo, a pensar uma prática de teatro que questionasse a visão comum da experiência teatral no contexto escolar: criação de dramaturgias de caráter didático e moralizante, marcação de cenas, divisão de personagens, memorização de textos etc.

Pude conversar e conviver com a autora referência, Marina Marcondes Machado, a partir de sua vinda para o corpo docente da UFMG, no ano de 2012. Esse encontro desdobrou-se no convite para ser minha orientadora de trabalho de conclusão de curso (TCC), no qual apresentei reflexões dos processos vividos nos dois projetos de extensão.

Em suma, na monografia, propus uma sequência didática de cinco encontros, pensados para serem vividos com crianças de 4 e 5 anos, tendo como fio condutor o brincar de faz de conta a partir do uso inventivo de brinquedos-sucata³, mesclando a criação de espaços por meio da construção de cabanas, experimentação de corporalidades de animais e sonoridades (cochichos, ruídos, gritos, silêncio).

Foi próximo ao processo de escrita da monografia, no final de 2013, que tive meu primeiro contato com parte da obra do poeta brasileiro Manoel de Barros (2013), a partir do livro *Manoel de Barros: poesia completa*. Fascinado,

-
1. O projeto contava com outros três bolsistas: Gabrielle Heringer, Gabriella Lavinias e Bruno Pontes, todos licenciandos da graduação em Teatro.
 2. Ambos os projetos eram geridos pelo professor dr. Ricardo Carvalho de Figueiredo, docente da graduação em Teatro/Licenciatura da UFMG
 3. A noção de brinquedo-sucata será discutida ao longo do artigo.

depois de formado na graduação em Teatro, decidi elaborar, de modo artístico, as reverberações do poeta em mim.

Manoel e eu

Na poética de Manoel de Barros, enxerguei uma noção de infância que me apetece, em defesa do brincar livre, imaginativo, inventivo, de pés no chão, regado com simplicidade e generosidade na relação entre adulto, criança e mundo:

Remexo com um pedacinho de arame nas minhas memórias fósseis. Tem por lá um menino a brincar no terreiro: entre conchas, osso de arara, pedaços de pote, sabugos, asas de caçarolas etc. E tem um carrinho de bruços no meio do terreiro. O menino cangava dois sapos e os botava a puxar o carrinho. Faz de conta que ele carregava areia e pedras no seu caminhão. O menino também puxava, nos becos de sua aldeia, por um barbante sujo umas latas tristes. Era sempre um barbante sujo. Eram sempre umas latas tristes. (BARROS, 2013, p. 340)

Também fui um menino que fazia de conta que “carregava areia e pedras no seu caminhão” e que brincava a partir de materiais simples coletados e guardados no quintal de casa. Hoje percebo a potência e riqueza dessa espacialidade vivida que me abriu para o caminho da invenção, da descoberta, do prazer por criar ficções que, mais tarde, se desdobraria no gosto por fazer teatro.

Foi após ler a entrevista concedida por Manoel de Barros ao jornalista Bosco Martins, publicada na revista *Caros Amigos*, em 2008, que fiquei fascinado pelo seguinte dizer manoelino após ser indagado a respeito da finitude da vida: “O Tempo só anda de ida. A gente nasce, cresce, envelhece e morre. Pra não morrer é só amarrar o tempo no poste. Eis a ciência da poesia: amarrar o tempo no poste!” (BARROS, 2008b, p. 30).

Atravessado por essas palavras, elaborei o seguinte argumento: um menino que um dia brincou de amarrar o tempo no poste para não o ver passar e assim deixou a vida com tempo-de-lesma. O desdobramento dessa sementeira foi a criação de uma cena curta com duração de 15 minutos, que apresentei na “A-mostra.lab 2014”, um festival experimental de cenas curtas,

que acontece anualmente em Belo Horizonte desde 2013⁴. O desejo de criar um trabalho teatral solo surgiu colado às memórias da minha infância, na qual vivi momentos de brincadeira solitária.

Em 2014, me inscrevi na 3ª edição da “BH in SOLOS”, uma mostra de monólogos que acontece em Belo Horizonte, concebida pelo artista Robson Vieira. Fui aprovado e a estreia do espetáculo *João-de-Barros* ocorreu no dia 14 de outubro de 2015, no Centro Cultural Lindeia, em Belo Horizonte.

Para o material de divulgação, elaborei a seguinte sinopse: “João é um menino que, brincando no quintal que abraçava a sua casa, viveu um faz-de-conta-sem-fim e descobriu como deixar o dia com tempo de lesma. Lá nas bandas do seu quintal, ele inventou seu próprio mar e, navegando por ele, encontrou um povo governado por um grande rei que, em nome da Ordem e Progresso, vivia criando decretos absurdos. Em defesa desse povo, João elabora um plano que muda o curso da estória.”

Dos “cacos” ao novo desenho de pesquisa

Incentivado por minha orientadora a pesquisar “aquilo que ainda não sei” sobre meu trabalho cênico, fui apresentado à noção de desmontagem (DIÉGUEZ, 2014). A pesquisadora mexicana correlaciona esse termo às práticas desenvolvidas por diversos grupos latino-americanos, em consonância com trabalhos de atores do Odin Teatret que, na segunda metade do século XX, pautaram suas pesquisas cênicas não apenas na concepção de obras finalizadas, mas também no compartilhamento dos processos criativos com os espectadores. Assim, as desmontagens surgem como:

Uma espécie de *performance* pedagógica na intenção de tornar visíveis os percursos, dispositivos e a tessitura da cena, sempre a partir de propostas desenvolvidas pelos atores em diálogo com os diretores. E, se tornaram um “espetáculo” que complementavam o repertório dos grupos, eram, acima de tudo, *performances* que evidenciavam a complexidade poética e técnica dos criadores cênicos. (DIÉGUEZ, 2014, p. 8)

4. A mostra foi idealizada pelos artistas belorizontinos: Denise Lopes Leal, Cristiano Diniz, Soraya Martins, Léo Kildare, Ramon Brant, Sartre e Talita Mota.

As desmontagens são criações que integram ao repertório dos grupos, como acontece com as demonstrações de trabalho feitas pelo Yuyachkani (Peru), uma das principais referências de estudo de Ileana Diéguez, no entanto, não é uma regra, caminho único ou modelo a ser seguido. Esse caráter inventivo, desestabilizador de estruturas fixas que não dita modos de fazer, me instigou (e por vezes me afligiu). Como assinala Diéguez (Ibid., p. 8), desmontar processos teatrais é diferente de desconstruir, é: “colocar em discussão o sistema estrutural ao submetê-lo ao olhar dos outros sem pretender perpetuar modelos”

O convite em orientação foi de aproximar da noção de desmontagem sem intuito de elaborar um experimento prático como resultado da dissertação, o que não impediria de realizar ao longo do processo um laboratório. Assim, apresentar na disciplina⁵ que participei como monitor (na modalidade de Estágio Docente) dois fragmentos do *João-de-Barros* surgiu como oportunidade de experienciar algo em diálogo com os exemplos citados por Diéguez (2014) em seu texto, próximo da ideia de demonstração de trabalho, seguida de comentários.

Durante a disciplina, fomos apresentados a um caminho imaginativo e brincante das possibilidades de colecionar brinquedos-sucata para elaborar aulas de teatro inventivas. Machado (2010c) refere-se ao brinquedo-sucata como sendo diversos tipos e formas de materiais que podem ser de grande valia para momentos de brincadeira livres com crianças, e em práticas educacionais e artísticas:

A sucata é qualquer coisa que perdeu seu uso original, que se quebrou, que não serve mais ou que não tem mais significado... Coisas aparentemente inúteis, mas que servem para brincar, para dar nova forma e novo sentido. (MACHADO, 2010c, p. 67)

Meu trabalho cênico nasceu da coleção de um pequeno sucatário, que é “um acervo de sucata” (MACHADO, 2010c, p. 67), que fiz ao longo do processo do TCC, com o intuito de acumular materiais para futuras aulas de teatro para e com crianças:

5. “Brincar, criar, teatralizar, viver”, curso optativo disponível para os discentes da graduação da UFMG no primeiro semestre de 2017, ministrado pela minha orientadora.

Figura 1 – Brinquedos-sucata que compõem a criação do espetáculo *João-de-Barros*. Materiais: tubos de papelão, tampinhas de garrafa, carretéis de linha e potinhos de iogurte



Fonte: Charles Valadares

O brinquedo-sucata pode ser um dos dispositivos impulsionadores do brincar de faz de conta, atividade criativa comum, mas não inata, à infância. Momento em que a criança pode elaborar e recriar o mundo através de brincadeiras como, por exemplo, transformar um pedaço de tecido velho em capa voadora, ou caixas de papelão em barcos e tubos de plástico em binóculos.

A partir da fruição dos dois trechos apresentados na disciplina, os discentes elaboraram, individualmente, um texto escrito, registro singular da espectância, material precioso para análise fenomenológica posterior, no qual poderei traçar diferenças e semelhanças dos relatos escritos, criando sentidos, significados e discutindo noções acerca da infância e do teatro percebidas por eles. Esse material é fonte preciosa para a elaboração da dissertação.

Outro material escrito valioso para análise a ser feita é o texto crítico feito pelo professor Marcos Alexandre acerca do trabalho cênico *João-de-Barros*,

publicado no site Horizonte da Cena⁶. Em orientação foi proposto, no início do segundo semestre de 2017, um exercício criativo: escrever uma carta como resposta à crítica. Segue um fragmento da carta:

Acredito na infância como presença permanente, como lastro constituinte que resvala nas concepções de vida adulta. Isso não como um infantilização do ser ou “pessoa adormecida” no interior humano, mas sim como matéria impregnada na pele, no corpo, na memória, pois “a infância permanece em nós como um princípio de vida profunda, de vida sempre relacionada à possibilidade de recomeçar” (BACHELARD, 2009, p. 119). (Fragmento da carta-resposta, 2017)

Busquei conversar teoricamente e afetivamente com os dizeres do Marcos Alexandre, selecionando trechos e tecendo comentários. Essa experiência colaborou para lapidar minhas compreensões rumo à possibilidade de uma escrita que mescle objetividade e subjetividade, afeto aliado ao pensamento reflexivo.

Ainda no segundo semestre de 2017, cursei a disciplina “Processos e discursos educacionais III: Paulo Freire”, na Faculdade de Educação (FaE/UFMG), ministrada pelo prof. Leôncio José Gomes, que se propunha a estudar o educador e filósofo Paulo Freire a partir de sua obra *Pedagogia do oprimido* (1983).

Identifico-me com o modo como Paulo Freire articula seu pensamento, conversa com as teorias em suas práticas, por seu amor aos excluídos e excluídas da lógica do sistema, por acreditar que é possível mudar o mundo, por ver o ser como algo inacabado, e é essa inconclusão uma de suas maiores potencialidades:

O homem se sabe inacabado e por isso se educa. Não haveria educação se o homem fosse um ser acabado [...] é um ser na busca constante de ser mais e, como pode fazer esta autorreflexão, pode descobrir-se como um ser inacabado, que está em constante busca. Eis aqui a raiz da educação. (FREIRE, 1979, p. 27)

6. Marcos Alexandre é professor da Faculdade de Letras da UFMG, integrante do Mayombe Teatro. O site é gerido por estudiosos de crítica teatral de Belo Horizonte (MG). Crítica publicada no dia 12 de maio de 2017. Disponível em: <https://goo.gl/B6ALvT>. Acesso em: 30 maio 2019.

Assim como Freire, Manoel de Barros (1998, p. 79) acredita que “a maior riqueza do homem é a sua incompletude”. O poeta também tem enorme afeto por aquilo que está relegado. Ele diz aprender “mais com as abelhas do que com aeroplanos” (BARROS, 2013, p. 334), parece ter nascido com olhar voltado para as pequenas coisas. Um ser chutado pela sociedade, como uma barata, cresce em importância para ele. Manoel de Barros enxergou o mundo pelas lentes da poesia, Paulo Freire através da educação, da luta pela igualdade de direitos, da conscientização para a libertação dos sujeitos.

Vou elaborar uma conversa entre esses autores. Buscarei trazer à tona as intimidades desse diálogo durante minha pesquisa de mestrado, ou inventá-las, pois “tudo que não invento é falso” (Ibid., p. 319).

Para compor essa prosa entre os autores, somarei também as contribuições dos estudos filosóficos de Gaston Bachelard, a partir de sua fenomenologia da criação poética. No livro *A poética do devaneio* (2009), o filósofo propõe uma instigante reflexão acerca da poesia, das experiências criativas, dos sonhos e devaneios, das imagens literárias e as memórias da infância como estímulos impulsionadores da imaginação criadora, caminho que considero potente no fazer artístico.

Ao longo de 2017, vivi experiências significativas em relação às novas trajetórias imaginadas para a pesquisa, e assim nasceu seu novo desenho. Criarei uma desmontagem textual, que partirá do estudo profundo de quatro materiais escritos vinculados ao trabalho cênico *João-de-Barros: a dramaturgia existente*; os registros da espectância elaborados por estudantes da disciplina “Brincar, criar, teatralizar, viver, narrar” a partir da fruição do fragmento apresentado; a crítica escrita pelo pesquisador Marcos Alexandre e o diário de pesquisa compilado ao longo do processo de orientação.

Para tecer as reflexões, aprofundarei meus estudos da obra de Gaston Bachelard, Paulo Freire, Maurice Merleau-Ponty e Manoel de Barros, tecendo aproximações entre esses autores e até dissonâncias, talvez um encontro de gerações: Bachelard nasceu no século XIX; Freire e Merleau-Ponty viveram no século XX; Manoel alcançou parte do século XXI; e cá estou eu, vivo, entretecendo poesia, filosofia e teatro.

Conclusões provisórias: para ser aprendiz

O inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento.

Paulo Freire

Afirmo ser aprendiz desse modo de fazer e compreender os caminhos da pesquisa: poroso ao processo e atento à escrita do diário de pesquisa, no qual venho formulando meu pensamento e compreendendo a feitura da dissertação ao longo do percurso, a partir de estudos e em orientação.

Arrisco imaginar provocações a serem desveladas na desmontagem: quais os desafios de uma pesquisa autobiográfica no âmbito acadêmico? Como pensar processos artísticos contemporâneos voltados para a infância conectados ao modo de ser e estar da criança? Quais os enigmas que atravessam uma prática que se pretende entre a literatura e a discursividade cênica? São perguntas feitas como guias filosóficos e provisórios para nortear a invenção da pesquisa tal como desejada por mim, cuja trajetória é desenhada enquanto caminho, tal como a vida.

Referências bibliográficas

- BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BARBOSA, Joaquim Gonçalves; HESS, Remi. **O diário de pesquisa**: o estudante universitário e seu processo formativo. Brasília, DF: Liber Livro, 2010.
- BARROS, M. **Retrato de um artista quando coisa**. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas**: as infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Planeta, 2008a.
- BARROS, Manoel de. Três momentos de um gênio. Entrevista cedida a Bosco Martins, Cláudia Trimarco e Douglas Diegues. **Caros Amigos**, São Paulo, ano 10, n. 117, p. 29-33, 2008b.
- BARROS, Manoel de. **Manoel de Barros**: poesia completa. 2. ed. São Paulo: Leya, 2013.
- DIÉGUEZ, Ileana. Desmontagem cênica. **Rascunhos**, Uberlândia, v. 1, n. 1, p. 5-12, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/2XfoasJ>. Acesso em: 8 maio 2018.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 1979.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 12. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1983.

- MACHADO, Marina Marcondes. O diário de bordo como ferramenta fenomenológica para o pesquisador em artes cênicas. **Sala Preta**, São Paulo, v. 2, p. 260-263, 2002.
- MACHADO, Marina Marcondes. A criança é performer. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 35, n. 2, p. 115-137, 2010a.
- MACHADO, Marina Marcondes. **Merleau-Ponty & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010b.
- MACHADO, Marina Marcondes. **O brinquedo-sucata e a criança**: a importância do brincar: atividades e materiais. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2010c.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. Prefácio. *In*: MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Recebido em 11/02/2018

Aprovado em 24/05/2019

Publicado em 29/08/2019